



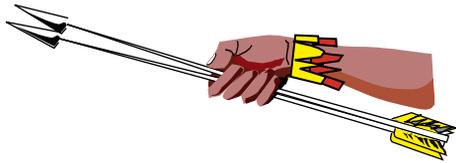
**José Mendes Fonteles Filho**  
ORGANIZADOR

Márcia Maria Matias  
Maria Ivonete dos Santos  
Raimundo Félix Jacinto

# Luta e resistência dos Tremembé da Região da Mata pelo seu Território



LUTA E RESISTÊNCIA DOS  
**TREMEMBÉ**  
DA REGIÃO DA MATA PELO  
SEU TERRITÓRIO



**Presidente da República**  
Dilma Vana Rousseff

**Ministro da Educação**  
Henrique Paim

**Universidade Federal do Ceará - UFC**

**Reitor**  
Prof. Jesualdo Pereira Farias

**Vice-Reitor**  
Prof. Henry de Holanda Campos

**Imprensa Universitária**  
**Diretor**  
Joaquim Melo de Albuquerque

José Mendes Fonteles Filho  
(organizador)

Márcia Maria Matias  
Maria Ivonete dos Santos  
Raimundo Félix Jacinto

**LUTA E RESISTÊNCIA DOS**  
**TREMEMPÉ**  
**DA REGIÃO DA MATA PELO**  
**SEU TERRITÓRIO**



Fortaleza  
2014

## **Luta e resistência dos Tremembé da Região da Mata pelo seu território**

Copyright © 2014 by José Mendes Fonteles Filho (Org.), Márcia Maria Matias, Maria Ivonete dos Santos, Raimundo Félix Jacinto

Todos os direitos reservados

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)  
Av. da Universidade, 2932, Benfica — Fortaleza - Ceará

### **Coordenação Editorial**

Ivanaldo Maciel de Lima

### **Revisão de Textos**

Antídio Oliveira

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Sandro Vasconcellos

### **Capa**

Heron Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Bibliotecária Luciane Silva das Selvas CRB 3/1022

---

M433l            Matias, Márcia Maria  
                    Luta e resistência dos Tremembé da região da mata  
                    pelo seu território / Márcia Maria Matias, Maria Ivonete dos  
                    Santos, Raimundo Félix Jacinto; Organizador: José Mendes  
                    Fonteles Filho. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.  
                    56 p. : il. ; 21 cm. (Magistério pé no chão)

ISBN: 978-85-7485-216-4

1. Índios Tremembé - educação - Almofala (Itarema, CE).  
2. Índios - educação. I. Título.

---

CDD 371.829808131

## AGRADECIMENTOS

**E**m primeiro lugar, agradecemos ao pai Tupã, por nos ter dado força e inteligência para realizarmos este livro.

Agradecemos aos nossos professores do MITS, que estiveram conosco nessa troca de conhecimentos durante esse curso.

A Gerson Augusto de Oliveira Junior e Edileusa Santiago do Nascimento, que nos acompanharam nessa direção.

Principalmente, às nossas lideranças, que muito nos ajudaram nessa caminhada, desde a criação do curso até o resultado final de nossas pesquisas.

A todos os colaboradores, que deram suas contribuições direta ou indiretamente nesse curso.

Não podemos deixar de agradecer à Associação Missão Tremembé (AMIT) pela sua grande contribuição no processo de reafirmação étnica e cultural do nosso povo Tremembé de Almofala.

E aos nossos familiares, às esposas e aos maridos, que tiveram paciência e confiança em cada um de nós.

À CAPES, pelas bolsas do PIBID DIVERSIDADE, uma importante contribuição para o aperfeiçoamento de nossos conhecimentos, desenvolvimento nas práticas pedagógicas e para a realização deste livro.



## SUMÁRIO

Introdução .....	9
CAPÍTULO I - APRESENTAÇÃO DO MATERIAL PARADIDÁTICO ...	11
CAPÍTULO II - O POVO TREMEMBÉ E SEU TERRITÓRIO .....	13
CAPÍTULO III - A INVASÃO DA DUCOCO E AS RESISTÊNCIAS NA REGIÃO DA MATA.....	19
CAPÍTULO IV - O SALÃO COMO LUGAR DE RESISTÊNCIA ....	29
4.1 A construção do salão em mutirão: uma história da força de nossa união .....	33
CAPÍTULO V - OS IMPACTOS CAUSADOS PELA INVASÃO .....	41
CAPÍTULO VI - O PROCESSO DEMARCATÓRIO E A RELAÇÃO DAS COMUNIDADES COM A EMPRESA DUCOCO.....	45
CONCLUSÃO.....	49
BIBLIOGRAFIA .....	51



## INTRODUÇÃO

**E**ste livro conta a história de luta e resistência do povo Tremembé da área da mata contra a invasão da empresa Ducoco, nas aldeias de Varjota e Tapera, localizados no Aldeamento de Almofala (Itarema-CE). Neste livro, você descobrirá como viviam nossas comunidades antes dessa invasão, como elas se organizavam, como praticavam sua cultura. E, também, como reagiram às investidas e pressões da referida empresa, na tentativa de domínio.

Ao ler este livro, você verá que a versão contada pela Ducoco, referente a nossa história de luta, é totalmente mentirosa, manipuladora e negadora dos nossos direitos originários. Por isso, nós nos dedicamos a essa pesquisa para que você possa ter o conhecimento real da nossa história.

O presente livro trata ainda da preocupação do povo Tremembé com aquelas pessoas que estão trabalhando para empresa, devido a suas dificuldades financeiras. Portanto, a finalidade central da obra é conscientizar nossas novas gerações da importância de defender seus direitos a sua terra para não serem capachos da Ducoco.



## Capítulo I



# APRESENTAÇÃO DO MATERIAL PARADIDÁTICO

**E**ste livro é o resultado de anos de estudo de um grupo de professores, durante o Magistério Indígena Tremembé - MIT e o Magistério Indígena Tremembé Superior - MITS, que se dedicou em descobrir melhor a história de luta do seu próprio povo: Tremembé de Almofala.

Desde o início da colonização, nosso povo vem sofrendo com a discriminação e invasão de suas terras, mas, com sua sabedoria, vem resistindo bravamente para permanecer em nosso território, pela afirmação étnica, cultural e social. Ainda hoje, continuamos nessa peleja para fazer valer os nossos direitos, que estão escritos na Constituição de 1988. Este livro paradidático busca, dentro do processo de ensino e aprendizagem nas nossas escolas indígenas, uma maior compreensão da realidade local.

O livro foi elaborado por três educadores cursistas do MITS: Raimundo Felix, Maria Ivonete e Márcia Maria Matias, e contou com a participação de lideranças e alunos das comunidades tremembé da Varjota e da Taperá.

O uso deste material paradidático objetiva promover o conhecimento mais aprofundado sobre a luta de resistência

do povo Tremembé contra os invasores. Esperamos que ele possa contribuir para o maior conhecimento e reconhecimento da comunidade indígena tremembé, na valorização e preservação da memória e da cultura do nosso povo, fortalecendo a luta pela demarcação da terra e a sua autonomia.

## Capítulo II



# O POVO TREMEMBÉ E SEU TERRITÓRIO

O povo Tremembé habitava toda a costa leste oeste, desde o rio Gurupi, no Maranhão, à foz do rio Iguaçu, no Rio Grande do Norte; como eles percorriam toda essa costa, no tempo da colheita de frutas, eles adentravam na mata e, no tempo da pesca, viviam mais na praia. Sendo assim, nunca lhes faltavam alimentos. Estavam sempre em constante mudança, pois, quando em um lugar estava escasso o alimento, eles se mudavam para outro. E assim viviam livres caçando, pescando e praticando seus rituais. “Do rio do Acaraú ao rio do Mundaú era local dos índios andarem, se juntavam e a tropa e iam sobreviver; e, quando estava escasso, eles iam pras Moitas, Mundaú.” (TIO AUGUSTINHO, Tuxauá Tremembé, Varjota).

Nossos mais velhos contam como nosso vasto território foi delimitado na terra do aldeamento de Almofala. Eles contam que estavam pescando e encontraram uma santinha e construíram uma cabaninha; outros contam que eles iam andando e acharam uma calunga de ouro, só que eles não sabiam que era de ouro. Eles levaram essa santinha para as cabaninhas deles mesmos, mas, quando era no outro dia, a

calunguinha se encontrava no mesmo local em que ela tinha aparecido, até que resolveram construir a cabana só para ela e passaram a adorá-la todas as noites. Aí chegaram os portugueses. Quando eles viram a imagem, eles se interessaram, disseram que era uma santa e que levariam ela para uma igreja lá em Portugal. Em troca dessa santa, eles trariam outra igual a ela, iam construir uma igreja aqui para ser o local dessa santa e marcariam uma légua de terra em quadro para os Tremembé de Almofala. Essa terra foi denominada terra dos índios, terra da santa ou terra do aldeamento.

E assim, por volta do século XVIII, os missionários da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição construíram o aldeamento na Almofala. A principal marca desse aldeamento é a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, local onde, nas noites de lua cheia, os Tremembé dançavam seu ritual sagrado: o Torém.

Temos relatos de que nós Tremembé sempre fomos bons negociadores, por isso que nos mantivemos por muito tempo em todo nosso território, mesmo sofrendo as grandes pressões dos colonizadores. Nossos antepassados não se prendiam a um só colonizador e negociavam com todos eles. Ainda hoje, essa marca do saber negociar continua enraizada no nosso povo, por isso continuamos aqui firmes e fortes lutando por nossos direitos.

Durante o século XVI os habitantes da Costa Leste-Oeste tiveram que negociar com as diferentes “castas” de estrangeiros: Espanhóis, Franceses, Portugueses, Holandeses e Ingleses, que aportavam em suas praias e cambiavam. A condição marginal da Costa Leste-Oeste, como foi visto, favoreceu-lhes a manutenção da autonomia, mesmo perante as tentativas de colonização. (BORGES, 2010: 218).

Hoje, nós Tremembé, temos o reconhecimento da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, nos encontramos distribuídos em três municípios: Itarema, Acaraú e Itapipoca.



terras entre os anos 1975 e 1979, causando um grande prejuízo às aldeias Varjota e Tapera tanto no que se refere a nossa subsistência de caças, quanto de peixes e frutas. Tanto a nossa mata quanto nossas lagoas foram devastadas e cercadas por essa empresa, impedindo assim o acesso aos nossos recursos naturais.

Antes da invasão, vivíamos tranquilos, porque tínhamos nossas matas de onde tirávamos caças, frutas, mel silvestre, plantas e raízes que serviam para curar as doenças; era também dessa mata que tirávamos madeira para construirmos nossas casas.

Nossas lagoas, córregos e lagamar eram riquíssimos e abrigavam uma grande diversidade de vidas, as quais serviam de alimentos para nosso povo.

Nós éramos livres para colocar nossas casas onde achássemos melhor, fazer nossas plantações, pescarias, coletas de frutas e caçadas.

Tínhamos o costume de nos juntarmos nas casas daqueles mais velhos para conversar, brincar e contar histórias. Trabalhávamos em mutirões nas farinhadas, na colheita do feijão e do algodão. Era um trabalho árduo e pesado, mas muito divertido, dos quais, muitas vezes, saía até casamento.

Também costumávamos festejar os santos de nossa devoção: Nossa Senhora da Conceição, Senhora Santana e outros. Apesar de essa devoção ter sido trazida pelos missionários, nós Tremembé fomos adaptando-as da nossa maneira a partir de nossos próprios valores culturais, da alegria dos encontros, do espaço de conversar, contar histórias, dançar, cantar, namorar e até casar.

Essas experiências são muito diferentes dos objetivos da catequese dos colonizadores, pois a Igreja queria dominar as nossas formas de viver ao relacioná-las à noção de pecado. Era um catolicismo triste, mas o nosso povo Tremembé, com sua sabedoria, adaptou esse catolicismo e deu a ele uma noção diferente. Nesses festejos, crianças e jovens brincavam livremente nos terreiros das casas ao claro da lua ou de uma

fogueira, entre as brincadeiras, podemos citar as de rodas como melão-melão e rosa amarela.

Música da brincadeira de roda: melão-melão.

*Melão, melão sabiá  
é de moradeira sabiá  
a morada é boa sabiá  
é de laranjeira sabiá  
viva também o (fulano) sabiá  
que entrou na roda agora sabiá  
diga um verso bem bonito sabiá  
dê adeus e vá embora sabiá  
a casa de (fulano) sabiá  
é coberta de melão sabiá  
(fulaninha) é minha cunhada sabiá  
(fulano) do meu coração sabiá.*

Música da brincadeira de roda: rosa amarela.

*É rosa, rosa amarela  
é rosa amarela eu sou  
é rosa rosa amarela  
rosa branca é meu amor  
viva também o (fulano)  
que vai dentro dessa roda  
diga um verso mais bonito  
dê adeus e saia fora.  
(improvisa-se um verso)  
cajueiro pequenino  
carregado de fulor  
eu também sou pequenino  
carregado de amor.*

Com a invasão feita pela Ducoco, tudo foi mudando. As brincadeiras e os festejos foram dividindo espaço com assuntos no sentido de nos organizarmos para planejar ações de combate a essa invasão. Nessa organização, nós estamos nos fortalecendo politicamente para nos mantermos em nossas terras e exercendo nossos rituais, costumes e tradições.

## Capítulo III



# A INVASÃO DA DUCOCO E AS RESISTÊNCIAS NA REGIÃO DA MATA

**D**entro do nosso território, delimitado pela FUNAI, temos duas regiões: Praia e Mata, divididas pelo rio Aracatimirim (Lagamar).

Vamos contar a história de luta e resistência na Região da Mata.



Mapa da Região da Mata (Varjota e Tapera), desenhado por Francisco José.

Por volta de 1977, um homem não índio, o Aquino, vendeu a terra da fazenda São Gabriel e Patos. Essa venda foi da seguinte forma: Aquino era marido da Miranda e cunhado do padre Hélio e do Ioiô, que herdaram de seus pais um pedaço de terra fora dos limites das nossas terras.

Ioiô herdou uma fazenda em Patos; Padre Hélio, em São Gabriel; e a Miranda, um pedaço de terra nas proximidades da Taperinha, onde hoje fica a oficina da empresa Ducoco.

Aquino comprou a herança dos cunhados e vendeu para a Ducoco. Essas terras faziam limites com as terras dos Tremembé nas localidades Varjota e Tapera, mas eles quiseram se apropriar de tudo sem o consentimento do nosso povo, que sempre morou nas referidas localidades e sabe que essa terra é nossa, é dos Tremembé.

De imediato, as ações ameaçadoras e repressivas da Ducoco recaíram sobre a Tapera. Toda a área foi cercada e os moradores obrigados a receber indenizações pelas benfeitorias ali existentes. Uma parte dos indenizados dispersou-se por várias localidades da região, entre as quais a própria Varjota. Em face da destruição de suas antigas moradias, as famílias que não tinham para onde ir obtiveram permissão da empresa para construir novas casas numa pequena extensão de terra alagadiças próximo do mangue, nas margens do rio. Além de minutos, o local não oferecia as condições necessárias para desenvolvimento da atividade agrícola. O aglomerado de residência tornou-se conhecido como “Vila Ducoco” e, na sua grande maioria, os moradores foram absorvidos como mão de obra da empresa (OLIVEIRA JUNIOR, 1998, p. 65).

E qual era a alegação deles? Eles diziam que a Varjota e a Tapera estavam dentro da terra comprada. Nossos tios, Augustinho, Maciano, Valdir, Raimundo Louro e Trival dizem que essa empresa chegou enganando e fazendo promessas:



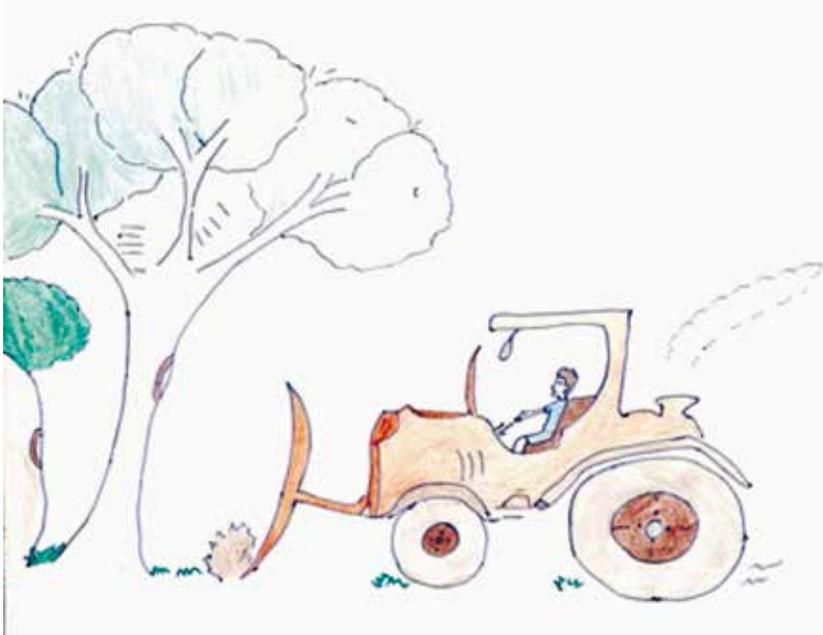
Trival e Francisca, conversando conosco no quintal de casa.

Data 18 07 2012

Foto: Márcia M. Matias.

Eles chegaram prometendo casa para os moradores, terra para trabalhar; quem tivesse um jumentinho, podia vender que eles iam dar trator para ajudar nos trabalhos; que daria escolas para os filhos e até hospital (TIO TRIVAL, liderança da Tapera).

Mas o que eles fizeram foi passar a pressionar os moradores, dizendo que as terras dessas comunidades pertenciam à empresa. Diante disso, a Ducoco tentou uma negociação desvantajosa para o povo Tremembé, mas as nossas lideranças mais velhas, nossos avôs e nossos pais, não aceitaram; como a empresa não obteve êxito, partiu para a agressão. Eles utilizaram máquinas para derrubarem as casas de famílias, destruíram plantações, e os capangas ameaçavam às famílias com rifles para que elas desocupassem a terra.



Desenho de Caio, aluno da 1ª série do Ensino Médio da Escola da Tapera.

Nesse momento de grande pressão, algumas famílias da Tapera cederam, e outras se dispersaram pela região. Diante da promessa feita pela empresa de dar emprego e escolas para seus filhos, alguns acabaram acreditando, ingenuamente, nessas falsas promessas; os que aceitaram foram morar impresados entre a cerca da Ducoco e o lagamar. Alguns ainda resistiram, mas a pressão era forte demais. Os tratores da empresa rodeavam as casas para derrubá-las, e os moradores não dormiam com medo; então, eles também se obrigaram a ir morar impresados da mesma forma que os outros, onde ainda hoje vivem.

Após terem conseguido se apossar da Tapera, a empresa usou um morador de lá chamado Zé Estevão para tentar uma aproximação com o povo da Varjota, no sentido de conquistar e tomar sua terra; como o pessoal da Tapera conhecia os da Varjota, se tornaria mais fácil essa aproximação. Eles então

começaram a procurar os mais velhos em suas casas, em seus roçados e onde eles estivessem, perguntando e anotando os seus nomes. Eles alegavam que era apenas para saber quem eram os moradores; por não saberem ler e escrever, muitos dos nossos velhos deram inocentemente o seu nome completo. Depois de conseguir os nomes de alguns, a empresa começou a piquetar<sup>1</sup> toda a área da Varjota.

Os parentes moradores da Varjota, vendo que sua terra estava sendo cercada, reuniram-se para conversar e pensar o que deveriam fazer. A ideia, de imediato, foi ir atrás do Pe. Aristides Andrades Sales, da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima de Itarema-CE. Pensaram que, por ser ele uma pessoa ligada à Igreja, poderia ajudá-los nessa situação.



Da esquerda para a direita: Tio Maciano, Tio Augustinho, Tio Raimundo Louro e Tio Valdir.  
Entrevista no Salão da Varjota.

Data 10.06.2011.

Foto: Maria Ivonete dos Santos.

---

<sup>1</sup> Marcar um terreno com estacas para passar a cerca.

Padre, nós somos lá da Varjota, e entrou uma firma lá, e o seu Aquino tinha um pedaço de terra lá no São Gabriel e aproveitou e vendeu a terra lá todinha e tão cercando, e aí a gente veio aqui ver o que o senhor pode fazer. Porque nós sabe mesmo, que eu via o meu pai contar, que aquela terra de Almofala era terra da Santa Nossa Senhora da Conceição, uma légua de terra em quadro, e tão cercando; e aí o que o senhor pode fazer? O padre disse: “Olha o homem comprou, pagou; é dele; eu sou Padre aqui há 25 anos e nunca ouvi falar que lá fosse terra de santa, quem foi que disse que santa tem terra lá, rapaz? Volte, vão-se embora e se junte com o homem que ele é uma pessoa boa, vai dar emprego e escola para os filhos de vocês. (RAIMUNDO LOURO).

Chegaram à aldeia com a tristeza estampada no rosto, causada pela decepção de não terem encontrado na pessoa do padre a ajuda que desejavam, repassaram toda a conversa que tiveram com o mesmo. Diante disso, a única forma que eles encontraram foi irem até à empresa tentar um acordo, pois os parentes da Tapera já estavam sendo removidos e dispersados pela região. Sem saber qual seria a resposta da empresa, um membro da comunidade da Varjota se propôs ir fazer a negociação, que, no momento, foi aceita por parte da empresa. Nesse tempo, o administrador da Empresa era Zé Açú, foi ele que veio à comunidade para fechar o referido acordo, mas a empresa mudou de opinião, alegando que se prejudicaria.

Tio Valdir conta:

Cheguei lá, tava os caboco da Tapera, cada qual negociando o que era deles, e o Zé Açú indenizando. E um pé de coqueiro butador era do preço de um coqueiro pequeno só nascido. Aí o Zé Açú perguntou: “E aí, vocês?”. Rapaz, é o seguinte, eu sou lá da Varjota e quero que o senhor vá tirar lá um pedacinho para nós. Aí ele disse: “Pois está certo, eu vou reparar lá o ponto que vocês querem.” No outro dia, eles vieram até num jipe, aí entramos lá no beco do Raimundo Pedro, aonde hoje é a morada do Manoel Chico, e pegamos o meio da vargem, começando da passagem pra cá, para esse beco aqui do Raimundo Louro; eles de jipe na frente, e a escolta de

homem atrás. Quando ele chegou, aí disse: “Deu tantos quilômetros, não dar para tirar para vocês aqui, é terra demais”. Rapaz, está aqui o rio, e esse outro lado é a morada dos sapos, é as lagoas tá aqui, e nós fica só nesse lombinho aqui. Zé Açú respondeu: “É, mas não dá não, está aqui, marcando no carro.”

Como não houve acordo, os parentes tremembé da aldeia de Varjota começaram a resistir, pois os mesmos estavam sentindo-se ameaçados porque suas terras estavam sendo cercadas, e as crianças amedrontadas pelos capangas da Ducoco, que vinham armados de rifle. Diante dessa opressão, o povo começou a reagir, botavam fogo nas estacas, cortavam arames e enfrentavam os capangas da empresa, mas também sempre dialogando e não aceitando as investidas da referida empresa.

Raimundo Félix, aluno do MITS, conta que seu avô Gonçalo Marciano (falecido em 31 de maio de 1995) contava que, no tempo em que a Ducoco começou a invadir aqui na Varjota, em um belo dia, ele estava trabalhando no cercado, arrancando uns tocos, quando chegaram três capangas a mando da Ducoco. Um deles estava com uma prancheta na mão, e os outros dois estavam armados de rifle, estes ficaram mais afastados enquanto o que carregava a prancheta se aproximou e pediu que ele assinasse um papel, que o mesmo trazia em sua prancheta.

Meu avô, no mesmo instante, falou que não assinaria, e o capanga o ameaçou dizendo: “Está vendo aqueles dois homens armados? É para te matar se você não assinar.” O meu avô repetiu que não iria assinar papel nenhum, e, se fosse por conta dos homens armados, ele não tinha medo, pois o pai dele, todos os dias lhe acordava com tiros de bacamarte. (RAIMUNDO FÉLIX JACINTO).

E, com isso, eles saíram. Mas continuaram a infernizar a vida dos moradores no sentido de amedrontar e tentar fazer o povo desistir de lutar por sua terra. Diante de tantos acontecimentos, uma pessoa mais velha da comunidade, Tio Rai-

mundo Ticum, ouvindo pelo rádio o noticiário sobre conflitos e tomadas de terras em algumas regiões, ficou atento e preocupado, pois aqui estava encaminhando-se para o mesmo processo. Visto que todas as ações feitas até aquele momento não estavam dando certo, resolveu participar de uma celebração que aconteceria em Almofala, na casa do senhor Alfredo, que também estava passando pelo mesmo problema. Lá ele ouviu a conversa de que as pessoas que estavam fazendo a celebração e orientavam como seu Alfredo poderia lutar por sua terra.



Manoel Maroca.  
Data 22.11.2011  
Foto: M. Ivonete dos Santos.

Após essa celebração, Raimundo Tucum volta para sua comunidade e repassa para o povo o que ele tinha ouvido. Conta a liderança Manoel Maroca, da comunidade de Varjota, que:

Quando o Raimundo Tucum chegou e trouxe a decisão que a gente pode conquistar essa terra para nós, daí ele conseguiu conquistar a gente. Um dia, ele veio na minha casa, à boca da noite, e começamos a conversar. Eu falei que não tinha fé de conquistar essa terra não, mas aí o Raimundo Tucum passava a história, então vamos enfrentar! Aí o Augustinho Tucum foi junto com o Raimundo Tucum participar da celebração em Almofala. Aí depois, foi que veio a Rita de Cássia e o Bernardo, chegaram e tiraram uma celebração aqui, e também veio Maria Alice e o padre Albenir. O negócio foi engrossando, aí foi que eles disseram que, para resolver esse problema, eles tinham um advogado Doutor Pinheiro, advogado da Diocese. Ele veio para resolver a questão do senhor Alfredo, o povo daqui foi pra lá; depois, o doutor Pinheiro veio pra cá para Varjota, e nós se juntamos debaixo de uma moita de pau ferro no terreiro da Maria Tucum, e o doutor Pinheiro mandou que nós fizéssemos alguma coisa concreta, e a comunidade decidiu construir o salão para se reunir e planejar as ações contra a Ducoco. Depois, em outra visita à comunidade, ele pediu que nós tirássemos um pedaço de terra do tamanho que nós quiséssemos; como nós não sabia de nada, tiremos um pedaço que deu só 390 hectares de terra.

Após a comunidade ter feito o salão e tirado esse pedaço de terra, do qual foi feito o Usucapião, a Ducoco passou a pressionar cada vez mais, trazendo até policiais para ameaçar o povo.

Como a Ducoco já havia pegado o nome de alguns moradores da Varjota, veio o chamado para que os mesmos fossem participar de uma audiência em Itapipoca referente à questão da terra. O próprio pessoal da Ducoco veio pegar os moradores, como o carro era pequeno, eles só queriam levar de dois em dois; mas o povo, com sua sabedoria e com medo de serem presos, resolveram ir todos de uma só vez.

Ao todo, foram 60 Tremembé! Lá, o doutor Pinheiro disse que estava tudo resolvido, agora eles ficassem atentos porque iam ser chamados para uma nova audiência em Acaraú. E assim aconteceu. Após três dias, eles foram chamados, e lá foi feito o usucapião para assegurar juridicamente esse pedaço de terra de 390 hectares.

## Capítulo IV



# O SALÃO COMO LUGAR DE RESISTÊNCIA

**A**ssim como a igreja de Almofala está relacionada simbolicamente à comprovação concreta do aldeamento de Almofala e aos nossos ancestrais que habitavam esta terra, o Salão da Varjota também é considerado pelos índios da Região da Mata como um marco concreto, simbolizando e dando a entender que essa terra pertence aos Tremembé.



Tio Mundoca, Pajé  
Luiz Caboco, Tio Valdir,  
Florêncio da AMIT,  
Valdemir, Raimundo  
Miguel, Chico Izidio, Tio  
Domingo Cabral e Tio  
Chico Lagoa.

Reunião do aldeamento  
no Salão.

Data 28/06/1998.

Foto: acervo dos  
autores.

O Salão da Varjota foi construído em 1984. Ele foi e continua sendo um marco histórico importante na resistência às investidas da Ducoco, pois o mesmo foi construído para que o povo pudesse se reunir e pensar suas estratégias para combater esses invasores, ou seja, a Ducoco. A Associação Missão Tremembé – AMIT – também deu uma grande contribuição no processo de reafirmação étnica e cultural do nosso povo Tremembé de Almofala.

Antes, o povo se reunia debaixo dos cajueiros, lá eles conversavam e combinavam as ações a serem feitas diante das necessidades do dia a dia. Com a construção do Salão, a comunidade da Varjota se fortaleceu politicamente, passando a se sentir mais segura, mais firme para lutar pela sua terra, fazendo reuniões com mais frequência, dançando, cantando e pedindo forças ao pai Tupã para mostrar os caminhos e as formas de combater os invasores.

No momento em que aconteciam as reuniões, o povo tinha a preocupação de vigiar o entorno do salão, porque, muitas vezes, o que eles falavam dentro do salão a Ducoco ficava sabendo, e isso era muito ruim para as ações que eles planejavam.

Da esquerda para a direita, Ângela, Socorro, Lúcia, Tia Diana, Maria do Chaga, Tia Cícera, tia Nenê Biata; na Janela, Tio Sabino e Netinho. Data 28/06/1998. Foto: acervo dos autores.



As aulas também aconteciam nas casas das professoras Marlúcia e Maculada; com o tempo, a Maculada foi embora para Fortaleza, deixando em seu lugar sua irmã Conceição. Com a construção do salão, as aulas passaram ser realizadas neste antigo salão.



Profª Conceição.

Data 12.09.2012.

Foto: M. Ivonete dos Santos

Foi nesse local que crianças foram torturadas psicologicamente por capangas da Ducoco. As crianças não entendiam o que estava acontecendo, nunca se tinham deparado com homens armados e sofrido tantas ameaças, pois, até então, só tinham contato com seus familiares. A professora Conceição nos conta essas experiências de união e organização do nosso povo para resistir à pressão da Ducoco.

Na época em que eu ensinava no salão, realmente veio uns policiais juntamente com o pessoal da Ducoco; só que, antes, eles mandaram um comunicado avisando que viriam conversar com o povo, só não disseram o dia. Como sempre chegavam de surpresa, mas imediatamente todos eram avisados. Nesse momento, não me recordo o dia, mas o ano foi em oitenta e cinco, estava

eu com minha turma de alunos quando, de repente, chegou a tia Conceição, esposa do tio Augustinho, dizendo que eu não me assustasse que iria chegar um carro cheio de policiais no salão. Eu fiquei com medo, mas não falei nada para os meninos, mas a tia Conceição disse que ficasse despreocupada que ia ter gente por perto, o povo ia ficar ao redor do salão fingindo que estavam trabalhando para quando os policiais chegassem, eles chegavam juntos. De imediato, chegou todos os homens da comunidade e algumas mulheres armados de foice, facão, enxada, machado, cavador e todos os tipos de ferramenta. Quando ouviram o barulho de um carro, era um Jipe, aí todo mundo ficou esperando; aí eu disse para os meninos que ia chegar um carro cheio de policiais armados e eles não se assustasse que o pessoal ia chegar, mas não iam fazer nada, só iam conversar. Quando eles chegaram, eram uns quatro a cinco policiais e dois representantes da Ducoco, o gerente e um acompanhante. Aí quando eles chegaram que entraram, aí todo mundo chegou junto, e alguns cercaram o salão. O Tio Augustinho, Raimundo Tucum, Raimundo Pedro e Tio Gonçalo entraram; o gerente disse que queria conversar com eles, queria fazer um acordo. E sim, nesse momento em que a polícia chegou, teve uma grande correria de menino, uns choravam, outros gritavam, e outros pulavam as janelas; com isso, eles deram dinheiro a algumas crianças para eles se calarem, mas não teve jeito, os meninos choravam com medo da polícia levar os pais deles. Aí eles pediram para eu acalmar os meninos, mas não teve jeito, os meninos correram todos para o mato, teve até criança que desmaiou de medo. Na conversa que eles tiveram com os mais velhos, disseram que iam cercar essa área aqui, aí as lideranças disseram que não queriam porque iam ficar morando no lagamar. E eles da Ducoco disseram que primeiro iam fazer uma vila de casa próximo ao lagamar para a comunidade e iam cercar o restante. As lideranças não concordaram, mas eles afirmaram que iam cercar mesmo assim. As lideranças responderam que, se eles cercassem, eles cortavam a cerca, como de fato a Ducoco cercou, mas o povo cortou e queimou toda cerca. Quando o povo disse que iam cortar, o pessoal da Ducoco não disseram nada a respeito, só disseram que iam voltar e que isso não ia ficar assim, eles iam cercar. E as lideranças disseram que eles não cercavam, pois daqui eles não saíam. Após

esse episódio, passaram vários dias sem ter aula, pois os alunos tinham medo de acontecer tudo de novo.

Com o Salão, as mulheres também passaram a se reunir durante o dia para fiarem e realizarem outros trabalhos artesanais. Essa era uma das estratégias de manter em movimento o salão.



Da esquerda para a direita: Tia Chiquinha, Tia Ana e Nazita.  
Trabalho em mutirão.  
Data 1980.  
Foto: acervo dos autores.

#### **4.1 A CONSTRUÇÃO DO SALÃO EM MUTIRÃO: UMA HISTÓRIA DA FORÇA DE NOSSA UNIÃO**

O Salão faz parte de uma história de luta e resistência, que jamais será apagada e esquecida da memória do nosso povo. Por conta dessa importância, nós professores e alunos, das escolas indígenas tremembé do aldeamento de Almofala, estamos nos empenhando no processo de relembrar e regis-

trar essa história de luta. Para que ela não venha a se perder com o tempo, pois nossos velhos estão partindo para outra dimensão e as futuras gerações precisam ter o conhecimento das batalhas enfrentadas por eles.



Da esquerda para a direita: Manoel Chico, Tio Ovildo, Elizaldo, Tio Manoelzinho Gonçal, Tio Raimundo Louro, Francisco Sabóia, Tio Valdimiro, Tio Dete, Tio Marciano, Rodolfo, Tio Valdir, Valdemir, Tio Mundoca, Tio João Tucum e João Valdir. Reforma do Salão.

Data 2006.

Foto: M. Graça Moura dos Santos.

A construção do salão foi da seguinte forma: o povo se juntou em mutirão, mulheres, crianças, jovens e adultos reunidos com um só objetivo de construir o mais rápido possível o lugar onde eles pudessem fincar seus pés e se lançar na luta com mais garra e com mais firmeza. Muitos amassavam o barro, uns faziam os tijolos, outros faziam as telhas; enquanto alguns construíam a caieira, outros apanhavam a lenha para fazer a queima dos tijolos e telhas. Conta Tia Conceição que os tijolos, utilizados nessa construção, nem eram queimados direito devido à urgência da situação.



Caieira para queimar os tijolos.  
Data 19.09.2012.  
Foto: Raimundo Felix Jacinto.

Nesse vai e vem de mutirão como formigas se arrastando pelo chão: pequenas no tamanho, mas grandes na organização! Essa organização culminou nessa grande obra simbólica de luta e resistência dessa nação. Vendo ela construída, deram o nome de Salão.

O pedreiro foi o Matias Anastácio, índio e membro da comunidade; enquanto ele subia as paredes, outros foram até a mata do Mineiro tirar madeira para servir de linhas, caibro e ripas, para fazer a cobertura do mesmo. Nesse trabalho, não podemos deixar de fora a importância dos animais, eles tiveram uma contribuição grande nessa construção, pois eram os jumentos que carregavam os materiais necessários.

Para fazer o piso, os moradores deram uma contribuição em dinheiro; como não havia aposentados nem empregados, cada um se remediava com o que tinha: vendiam farinha, feijão, porco, galinha, cabra e ovelhas, para adquirir o dinheiro, com o qual foi comprado o cimento e as portas do salão.



Tia Conceição.  
Data 19.09.2012.  
Foto: Raimundo Felix Jacinto.

Sobre a história do salão, Tia Conceição conta que

Nós não tinha nem uma casa de tijolo, aí o advogado nosso falou que a gente fizesse uma coisa permanente, aí era uma casa de tijolo. Aconteceu que se juntou um bocado de homem, muitos desses já morreram, como bem o compadre Matia, que foi quem construiu o salão, o compadre João, o compadre Mundoca, o Raimundo Tucum; agora tem o Augustinho, compadre Raimundo Louro, Valdir, o Chico Lagoa e Dete, esses ajudaram. Nesse tempo, era sessenta morador que se empenharam na construção do salão, ainda hoje o Augustinho tem a forma de fazer o tijolo e a telha.



Tio Augustinho no terreiro de sua casa, mostrando como se fazia a telha.

Data: 19.09.2012.

Foto: Raimundo Felix Jacinto.

Em 2006, o salão passou por uma reforma, ou seja, no mesmo, foram mudadas algumas coisas.



Salão reformado.

Data 10.06.2011.

Foto: Maia Ivonete dos Santos.



Salão reformado.

Data 10.06.2011.

Foto: Maria Ivonete dos Santos.

Primeiro, ele foi construído com a frente para o mar. Existia um coluna central para sustentar o telhado, os bancos eram de cimento; como a escola reforça a luta e a luta reforça a escola, o salão foi feito também nesse sentido, e foi construída uma lousa.

A diferença da escola é percebida, antes do mais, como autonomia, como se pode auferir da fala de Neide, referindo-se a “uma escola da gente mesmo”, isto é, uma escola nascida da iniciativa deles próprios, na qual eles possam tomar decisões acerca da gestão ou do currículo e orientada para seus interesses e projetos sócio-políticos; para além, portanto, de uma perspectiva estética ou conteudista-culturalista da diferença. Por isso mesmo, a diferença se apresenta como o grande desafio desta escola, principalmente nos últimos anos, quando da reivindicação do seu reconhecimento e apoio junto às agências estatais sobretudo, tornando-se objeto de intensas e contundentes negociações e disputas. Os fatos ocorridos em torno da organização do Curso de Magistério Indígena Tremembé são o termômetro atual deste desafio. (FONTELES FILHO, 2003, p. 629).

Depois da reforma, o salão ficou assim: a frente ficou para o lado do sertão, não tem mais a lousa, pois, nessa data, já tinha sido construído o colégio da Varjota, por isso não havia necessidade de permanecer uma lousa no salão. Os bancos são de cimento, a coluna deu lugar às tesouras. Permaneceram as janelas no mesmo lugar de antes, e a cruz também permaneceu, só que agora do lado do sertão. Essa reforma foi feita por nossos mais velhos, mas com a ajuda dos novos, não com a mão de obra, mas com dinheiro para comprar o material.



## Capítulo V



# OS IMPACTOS CAUSADOS PELA INVASÃO

Como já havíamos falado, foram muitos os impactos causados pela invasão da Ducoco. Agora, gostaríamos de citar a migração como mais um desses impactos.

A invasão pela Ducoco obrigou muitos dos nossos familiares a sair de sua aldeia para tentar a vida lá fora, por conta da grande seca ocasionada pela invasão da Ducoco, pois os tratores dessa empresa destruíram plantações e essas plantações não vingaram. A Ducoco também cercou as lagoas e, com isso, não tendo onde pescar e nem de onde tirar o sustento, muitas famílias começaram a passar necessidade, e os pais se obrigaram a mandar seus filhos mais velhos trabalharem fora. Outros se obrigaram a trabalhar em troca de migalhas para a empresa.

Algumas meninas tremembé foram trabalhar nas casas dos ricos da cidade, inclusive em Fortaleza; elas trabalhavam muito e, às vezes, nem recebiam salário, foram muito exploradas. Muitos homens foram trabalhar na pesca e em outros trabalhos, alguns voltaram, outros estão ainda por lá.

Com esse distanciamento que houve, alguns de nossos parentes começaram a viver outra realidade diferente da sua

e, com isso, foram deixando de praticar sua cultura, passando a viver desaldeados. Eles tiveram de aprender outra cultura sem ser a deles, mas, se alguém perguntar se são índios, eles logo dizem que são filhos e netos de índio, que são de Almofala, uma terra de índio.

Ser Tremembé em Fortaleza tem uma dimensão subjetiva pelo sentimento de pertencimento: “ter parte com índios” a partir do vínculo com seus pais e avós em que aparece fortemente a referência aos laços de consanguíneos: “ter sangue de índio”. Este sentimento subjetivo de pertencimento está conectado com o de ser originário de Almofala com o significado de ser “terra de índio [...] Um dos desafios dos indígenas nas cidades é, através de uma apropriação da tradição de sua comunidade e de elementos de outras tradições com as quais mantêm relações, desconstruir o não-lugar dos índios concretos nas cidades e seus personagens estigmatizados e construir um espaço de reconhecimento de identidades indígenas cidadãs nas áreas urbanas. (NASCIMENTO, 2009, p. 239).

Na cidade, as pessoas acham que não existem índios, nem seus vizinhos acreditam que nossos parentes são índios quando eles dizem, só porque eles estão na cidade. Isso precisa mudar, porque, nas cidades de todo o Brasil, existem índios!

Nas cidades, eles são também desamparados pela lei no sentido de não terem seus direitos respeitados como índios e sem participaram das políticas públicas do governo destinadas aos povos indígenas.



Liderança Raimundo Louro.  
Data 19.09.2012  
Foto: Raimundo Felix Jacinto.

## **Entrevista com tio Raimundo Louro, liderança da Varjota.**

**Raimundo Félix:** A invasão da Ducoco tem alguma influência na saída de pessoas da comunidade para outras cidades?

**Raimundo Louro:** De dentro da nossa área da Varjota, por conta da invasão, saiu o Zacarias Benvinda e o Zacarias Ramos. Saíram com medo disso; do são Gabriel, saiu o Pedro Raimundo, também assombrado. Agora esse povo novo, mesmo os meus filhos saíram para trabalhar e depois levaram a família. O Zacarias Benvinda saiu com medo mesmo, que até uns pezinhos de coqueiro que ele tinha, deixou. A minha Maria saiu daqui em agosto de 1993. Nesse tempo, a luta estava pesada, a Ducoco estava pressionando de tal forma que não podíamos nem dormir sossegado, pois a nossa luta já tinha começado no ano de 1979. E desde esse tempo, nunca mais tivemos contato com ela, não sabemos se ela está viva ou morta, mas acho que ela está morta.

**Raimundo Félix:** Tia Diva, você, como mãe, o que acha?

**Diva:** O meu coração fala que ela está viva porque toda noite sonho com ela chegando e me abraçando.

Muitos dos nossos parentes têm vontade de, um dia, voltar para suas comunidades de origem e até de participarem da organização indígena. Alguns até conseguem voltar, mas outros não conseguem e ficam nas cidades. Muitos dos nossos parentes continuam visitando suas famílias em nossa terra indígena.



## Capítulo VI



# O PROCESSO DEMARCATÓRIO E A RELAÇÃO DAS COMUNIDADES COM A EMPRESA DUCOCO

O processo de demarcação da nossa terra se encontra paralisado, esperando a conclusão da perícia antropológica.

A primeira perícia foi anulada porque o advogado da empresa alegou que o perito era amigo dos Tremembé e havia-se hospedado na casa de um deles. No ano de 2011, nós ganhamos novamente um perito para realizar uma nova perícia. Já foram realizadas duas etapas, está faltando a última para concluir o relatório. Vimos que a empresa sempre encontra algo para recorrer aos processos demarcatórios da nossa terra.

Sabemos que a empresa hoje tem uma forma estratégica de se relacionar com a comunidade. Muitos não percebem que essa forma de relação é uma maneira de dificultar a demarcação da nossa terra. A ideia de estar empregando os nossos jovens é para, no futuro, apresentarem como prova de que a empresa é boa e está gerando emprego para os índios. Isso é tão claro que a empresa tira pessoas que não são índio para colocar os índios.



Tuxauá Augustinho.

Data 22.09.2012.

Foto: M. Ivonete dos Santos.

## **Entrevista com Tio Augustinho**

**Augustinho:** A Ducoco está mais forte do que a comunidade, a Ducoco trabalha para dismantelar a comunidade.

**Raimundo Félix:** Por que você acha? O que você está vendo?

**Augustinho:** Porque lá é uma empresa e ela sempre trabalha pra dismantelar o nosso trabalho sempre, sempre. A cidade (Itarema) e a Ducoco estão combinando as coisas juntos, e a comunidade tá combinando com quem? Missão não tem, a missão tá é pedindo ajuda.

**Ivonete:** Quem deveria ajudar era a FUNAI.

**Augustinho:** Pois é. A FUNAI, essa é que bem não

ajuda, pois a mesma tá junto com o poder. Quem é que conhece a FUNAI aqui? Por isso a Ducoco tá no ponto de vencer; e depois dela vencer, aí acabou.

**Raimundo Félix:** A questão de ter muitos jovens trabalhando na empresa, como é que fica essa situação?

**Augustinho:** Não, isso aí é ganho para eles, emprego. Todos nós precisamos se empregar e ganhar para sobreviver. Aí, se você vai trabalhar, você vai ganhar seu dinheiro. Agora, deixa que depois de tá empregado lá ou você atende a eles ou então desiste de lá, né? Eles têm o poder de lhe apoiar e de lhe desprezar.

Como bem lembra o Tio Augustinho, essa situação é uma realidade: quem trabalha na empresa fica subordinado a ela, e isso é muito ruim para a nossa luta, pois a empresa monta uma estratégia que acaba colocando parente contra parente, ou seja, os índios contra os próprios índios.

Estamos preocupados com essa situação, por isso, nas nossas escolas, é trabalhada essa questão de conscientização de como a empresa vem atuando no processo de invasão das nossas terras.



Pajé Luiz Caboco.  
Data 12.09.2012.

Foto: Maria Ivonete dos Santos.

A relação da comunidade com a empresa está sendo feita através da Justiça, e assim nós vamos nos relacionando com ela mais dessa forma. Os índios que estão trabalhando lá, por um lado, é muito ruim, porque dá a entender que nós estamos a favor da empresa; mas, por outro lado, a gente vê que é devido à precisão das famílias, devido à destruição que a Ducoco trouxe que foi muito grande, a falta de opção e por não ter para onde ir. Não é porque ela é boa, até porque o nosso povo trabalha como escravo para ela. No meu ponto de vista, o emprego que a empresa dá ao nosso povo é comparado com uma esmola. Hoje, até para a gente pescar nas lagoas que ficam dentro da empresa, tivemos que fazer um acordo judicial pra ela liberar a pesca e, mesmo assim, ainda temos que pedir licença e assinar um termo de responsabilidade. Não temos mais o direito de fazer nossas caçadas porque não podemos entrar na empresa e até para se fazer visita aos marcos da terra que ficam dentro dela, temos que pedir licença para ela (PAJÉ LUIZ CABOCO).

As nossas comunidades não dispõem de projetos sustentáveis que possam segurar esse jovem na própria aldeia, então eles se obrigam a trabalharem para a empresa. É preciso que nossas comunidades se juntem para pensar estratégias que possam garantir que nossos jovens se mantenham na própria comunidade com autonomia. Isto reforçará a luta pela demarcação da terra. É claro que não podemos deixar de ressaltar a fala do Pajé que explícita o poder de negociação do nosso povo Tremembé.

## CONCLUSÃO

**A**creditamos que este livro é de fundamental importância para que as nossas escolas, comunidades e futuras gerações tenham o conhecimento mais aprofundado sobre as batalhas enfrentadas por nossos mais velhos. Estes sempre lutaram para que nosso povo continuasse vivendo, trabalhando e praticando nossos rituais, que fazem parte de nossa afirmação étnica porque mostram que somos Tremembé.

Acreditamos que este livro é uma forma de estarmos contribuindo para a educação do nosso povo, para que a história também escrita seja aliada e reforce a história contada pelas próprias pessoas que a viveram. Essa foi e é uma grande luta organizada e com estratégias inteligentes para resistir às pressões dos invasores. Assim, as novas gerações podem continuar lutando pelos seus direitos originários e sagrados, também escritos na Constituição de 1988.



## BIBLIOGRAFIA

ANTÔNIO VALDIR DE HOLANDA, Tio Valdir, Entrevista concedida em 10.06.2011.

AUGUSTINHO FÉLIX JACINTO, Tio Augustinho, Tuxauá Tremembé, Varjota. Entrevistas concedidas em 10.06.2011 e 19.09.2012.

BORGES, Joina Freitas. *Senhores das Dunas e os Adventícios D`Além - Mar*: primeiros Contatos, Tentativas de Colonização e Autonomia Tremembé na Costa Leste-Oeste (Século XVI e XVII). 2010. 361 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói. Rio de Janeiro, 2010.

FONTELES FILHO, José Mendes. *Subjetivação e educação indígena*. 2003. 633 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2003.

FRANCISCA IVONETE APOLINÁRIO, Francisca, liderança da Tapera, Entrevista concedida em 18.07.2012.

JOSÉ FÉLIX DE MOURA, Tio Trival, liderança da Tapera, Entrevista concedida em 18.07.2012.

LUIZ MANOEL DO NASCIMENTO, Luiz Caboclo, Pajé Tremembé. Entrevista concedida em 12.09.2012.

MACIONILO JOSÉ CORREIA, Tio Marciano, liderança da Varjota. Entrevista concedida em 10.06.2011.

MANOEL RAIMUNDO CABRAL, Manoel Maroca, liderança da Varjota. Entrevista concedida em 22.11.2011.

MARIA DA CONCEIÇÃO MOURA, Professora Conceição, Entrevista concedida em 22.11.2011.

MARIA DIVA HOLANDA, *Tia Diva, liderança da Varjota. Entrevista concedida em 19.09.2012.*

NASCIMENTO, E. S. do. *Identidade e memória de habitantes de Fortaleza-CE originários da comunidade Tremembé de Almofala-CE: ramos de raízes indígenas em trânsito.* 2009. 301 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.

OLIVEIRA JUNIOR, Gerson Augusto de. *Torém Brincadeira dos índios Velhos:* São Paulo, ANNABLUME, 1998.

RAIMUNDO MOURA DOS SANTOS, Raimundo Louro, liderança da Varjota. Entrevistas concedidas em 10.06.2011 e 19.09.2012.

RITA MARIA DA CONCEIÇÃO, Tia Conceição liderança da Varjota, entrevista concedida em 13.08.2012.

## **TÍTULOS DA COLEÇÃO “MAGISTÉRIO PÉ NO CHÃO”**

1. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Professor)
2. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Aluno)
3. Fauna e flora Tremembé da Região da Mata
4. História da educação diferenciada Tremembé
5. O Lagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera
6. Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé
7. Luta e resistência dos Tremembé da Região da Mata pelo seu Território
8. Aldeamento Tremembé de Almofala: o espaço do Mangue Alto - ontem e hoje
9. Medicina tradicional do povo Tremembé
10. *Dicumê* Tremembé de antes e de hoje
11. Jogos matemáticos para as escolas indígenas Tremembé
12. A pesca no Mar de Almofala e no Rio Aracati-mirim: histórias dos pescadores Tremembé
13. Os encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados
14. Histórias Tremembé: memórias dos próprios índios





Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC  
Av. da Universidade, 2932 - fundos, Benfica  
Fone: (85) 3366.7485 / 7486  
CEP: 60020-181 - Fortaleza - Ceará

[imprensa.ufc@pradm.ufc.br](mailto:imprensa.ufc@pradm.ufc.br)

